

CINCINATO CESAR DA SILVA BRAGASUA GLORIOSA VELHICE E SUA PROMISSORA JUVENTUDE NO "CULTO A
CIÊNCIA".

O "Estado" recordou, no número de sexta-feira, o aniversário de Cincinato Braga, que completou oitenta anos de existência, e a simples e rápida anumeração dos trabalhos e da atividade desse ilustre paulista bastam para atestar a benemerência de sua vida, consagrada em sua parte maior e preponderantemente exaustiva, à atividade política e a trabalhos e campanhas de nítido interesse públicos nacional.

Poucos homens, da velha guarda, contamos hoje com um tão considerável acervo de serviços ao nosso Estado e ao Brasil, e com uma preocupação tão nítida e uma orientação tão larga das necessidades do nosso país e das obras e planos capazes de atender a essas necessidades. Houve, mesmo, um tempo, um largo período da vida constitucional na nossa primeira República, em que Cincinato Braga, pela largueza e amplitude da sua visão e pelo arrojo com que esboçava planos de estímulo às nossas fontes econômicas tão expostas a tropelias, era considerado, por alguns cavalheiros de fraca ou deteriorada visão, como um incorrigível fantasista, espécie de visionário, mergulhado num campo etéreo de megalomania, completamente afastado ou esquecido das nossas necessidades maiores e mais prementes e, sobretudo, das nossas possibilidades financeiras e administrativas.

Recordo-me bem que, ao tempo em que ele, como primeira voz, e a mais autorizada do Congresso, agitou entre nós a questão da siderurgia e da modificação radical dos nossos processos de cultura agrícola, pela indispensável assistência às terras que principiavam a demonstrar esgotamento, foi apelidado por alguns sujeitos de língua fácil como o Julio Verne das finanças nacionais. Mas os sonhos do grande financista, que enxergou, há quase trinta anos o que só agora vem sendo encarado como problemas fundamentais de administração, atestam apenas que ele soube ver con-

concretamente esses tão sérios problemas com a antecipação e amplitude de um cerebro de verdadeiro estadista, homem com essa envergadura excecional de um Mauá, de um Visconde de Parnaíba, de um Murtinho ou de um Calogeras.

Era, pois, na sua longa e agitada vida política um homem que não circunscrevia os seus trabalhos a questões meramente partidárias, comumente irritantes e desarmadas de outro atrativo que não fosse o do inócuo debate verbal. As dissertações de Cincinato Braga tinham, quaisquer que fossem elas, a substância nutritiva de boas idéias, de projetos que poderiam ser acômmodados de otimistas, quiça de errados, mas eram sedutores pela forma entusiasta com que trazidos ao exame dos correligionários e órgãos do governo e pela massa de fatos, ensinamentos e argumentos de que vinham opulentados. Eram monografias que, aceitas ou recusadas - mandadas ao sarcofago das comissões parlamentares, ou jogadas à cesta da pepelada inutil - podiam ser lidas em qualquer tempo, e continham sempre uma boa dose de alimento cerebral capazes de abastecer de idéias uteis uns tantos discursadores que só oferecem aos ouvintes palavras amontoadas em periodos capengas e poucas, tenuíssimas, longiquas noções colhidas de passagem e furtivamente em trabalhos alheios.

Da sua atividade política, tão intensa, tão cheia de benefícios em trabalhos prestados ao Brasil, falam os anais da nossa vida parlamentar e os numerosos folhetos de discursos e pareceres que correm com o seu nome e que fornecem dados seguros e preciosos sobre muitas questões. Na notícia do "Estado" lê-se uma referência ao curso secundário feito por Cincinato Braga no colégio "Culto à Ciência", de Campinas, e alguns dados sobre a fundação e o funcionamento desse antigo e acatado estabelecimento, que foi o germe do atual Ginasio Estadual naquela cidade.

Parece-me, assim, interessante acrescentar alguns fatos ao que ali foi escrito, neles envolvendo, novamente, o nome de Cincinato que, nestes passos da sua gloriosa velhice, há de receber, certamente, com júbilo, estas recordações aqui feitas pelo

filho de um seu condiscipulo e amigo, que herdou do pai a forte e inalterável afeição com que este acompanhou sempre os trabalhos e os triunfos do seu condiscipulo dos bancos do "Culto à Ciência", dos da Faculdade de Direito e, mais tarde, nas agitações da nossa política em que, por tantas vezes, terçaram armas em campos adversos.

000

Cincinato Braga, nascido em Piracicaba, a 7 de julho de 1864, após um curso preliminar feito em escola de Descalvado, passou para Campinas e ali completou os estudos secundários no "Culto à Ciência", no período de 1878 a 1881, tendo vindo neste último ano para São Paulo, a fim de matricular-se na nossa Faculdade de Direito.

No curso feito em Campinas com revelações de uma cintilante inteligência, teve entre colegas e contemporâneos muitos companheiros que, depois, pela vida afora, honrariam a nossa cultura em vários setores. O "Culto à Ciência" era colégio que, com muito pouco tempo, conquistou fama e prestígio, pelo alto teor do seu ensino e valimento intelectual dos seus professores e directores. Por ali andaram no quadriênio em que Cincinato fez seus estudos - Olavo Egidio, Euclides Egidio de Souza Aranha, Antonio de Padua Sales, Julio Mesquita, José de Campos Novaes, Joaquim Alvaro de Souza Camargo, Antonio e José Lobo, Antonio Carlos de Moraes Bueno, Luiz de Campos Sales, Eduardo Pompeu, Antonio Alves da Costa Carvalho, Inácio de Queiróz Lacerda, J. F. de Queiroz Teles (Jéco), Bento Pereira Bueno, Virgilio Bittencourt, Celestino de Azevedo, Toribio de Moraes Teixeira, Adriano de Barros, Alberto dos Santos Dumont, João Batista Correa Nery, Manoel Sartunino do Amaral - e muitos, muitos outros, cujos nomes escapam a uma relação como esta.

Tinha sido o Colégio fundado por um grupo constituido de antigos chefes monarquistas, liderados, todavia, por chefes republicanos. A idéia inicial da fundação partiu do velho Antonio Pompeu de Camargo. Comunicada a Glicério encherrou este

imediatamente com a sua nunca excedida perspicácia um elemento a mais para que a sociedade campineira e a paulista de outros municípios "sentisse" a atividade republicana na educação da sua juventude que, então, muito mais do que hoje, contava poucos estabelecimentos idoneos para lhe dar um curso de humanidades de alguma solidez. A composição inicial desta sociedade apresentava grande número de lavradores; ao lado destes impelindo a corrente e dirigindo-a pela força da inteligência e do preparo científico, figuravam os chefes republicanos ou os monarquistas simpatizantes, prestes a adotarem o novo credo: ao lado de Joaquim Quirino dos Santos, de Campos Sales, de Glicério, de Joaquim José Vieira de Carvalho, de Jorge Miranda, apareciam os chefes ou membros de antigas estirpes monarquistas, - como entre outros, o Visconde de Indaiatuba, o Marquês de Tres Rios (Joaquim Egidio de Souza Aranha), Antonio Pompeu, Domingos Leite Penteado, Floriano de Camargo Campos e Eliseu Teixeira Nogueira.

O corpo docente se contava entre os mais conspícuos da antiga Província, bastando apontar Carlos A. de Souza Lima, Julio Ribeiro, Hipólito Pujol, João Vieira de Almeida, Antonio Francisco Martins, Antonio Mercado, João Kopke, Jorge Krug e Amador Florence.

Possuia o Colégio aula de canto e banda de música, dirigida pelo velho mestre Azarias Dias de Melo. E, como era de hábito naqueles antigos tempos, tinha organizado também o seu grupo de comediantes que encarnavam, por igual, papéis masculinos e femininos.

Entre os mais entusiastas destas representações, em que apareciam comédias e farsas que o velho Jorge Miranda, então professor moço, depois diretor, lia, adaptava, corrigia e expulsava de inevitáveis inconvenientes, produzindo, para o grupo teatral, verdadeiras edições "al usum Delphini", entre os mais entusiastas figuravam, exatamente, Cincinato Braga e João Batista Correia Nery, que mais tarde viria a ser figura de inextinguível brilho no episcopado brasileiro e, por um destino tão grato ao seu coração, primeiro Bispo de Campinas, logo após a fundação dessa

Diocese em 1908.

Mas, naqueles recuados tempos de 1878, esses dois excelentes atores (ou melhor, figurantes das peças teatrais, porque Cincinato encarnava papél feminino, apresentando-se em cena com vestido de dam...) compuseram o elenco do teatrinho colegial e representaram em Campinas com estrondoso sucesso, uma peça de França Junior, então muito em voga "Tipos da atualidade". Eram estes os figurantes: Barão de Cotia (João Nery); D. Mariquinhas (Cincinato Braga); D. Ana de Lemos (José Lobo); Gasparino (Manoel Sartunino do Amaral). Nos intervalos do atos, a banda de musica, sob a regência de Azarias, executava peças do "variado repertório". Leopoldo Amaral, escavador paciente e minucioso destas coisas que, ao seu tempo já considerava antigas, narrou-me, com grandes risadas através dos esparramados bigodes, que o maestro Azarias, por lhe terem surrupiado a "batuta", poucos antes do concerto, regou a banda pachorrentemente, com um poleiro de gaiola, arranjado às pressas, na vizinhança...

Relembro esse incidente do retumbante espetáculo em que os atores foram freneticamente aplaudidos, para lhe ligar um outro, atestador do carinho com que, por todas essas personagens, foi guardada memória da representação dos papéis nela distribuídos.

Em 1915 ou 1916, indo Cincinato Braga a Campinas, que era sede do distrito eleitoral que ele tão superiormente representava no Congresso Nacional, compareceu, como era de hábito, ao Palácio Episcopal, para visitar o Bispo D. Nery, seu amigo de tantos anos. Fez a visita em companhia de Leopoldo Amaral e do Dr. Joaquim Alvaro de Souza Camargo.

Chegou, entretanto, ao Palácio quando ali se reuniam representantes de várias congregações religiosas e comissões vindas de paróquias distantes da Diocese, pelo que o porteiro foi logo avisando que, naquele dia era impossível ao Bispo atendê-los, sendo melhor que deixassem os nomes no registro da portaria: caso raro, porque ao tempo de D. Nery, eram por sua ordem admitidas no

Palácio todas as pessoas que lhe quizessem falar ou pedir alguma coisa - e os pedintes eram sempre muito mais numerosos do que os simples visitantes.

Cincinato teve, porém, uma idéia. Tomando um cartão em branco, escreveu nele algumas linhas e deu-as ao porteiro pedindo-lhe que fizesse chegar logo às mãos do Bispo. Ato contínuo, abriu-se a porta do salão e o próprio D. Nery veio ao encontro dos visitantes, com os braços abertos e a sua dominadora figura a envolvê-los todos numa atmosfera de extraordinária alegria - "O meu caro Cincinato que agradável surpresa! Reconheceo logo pelos originais e expressivos dizeres do seu cartão". E, enquanto durou a visita, tecida em torno de recordações do Culto à Ciência, que faziam esquecer os extenuantes trabalhos do Bispado, as congregações esperaram pacientemente, certas de que a interrupção só podia ser atribuída a alguma visita oficial de responsabilidade. No entanto, no cartão enviado a D. Nery, Cincinato escrevera, simplesmente, duas linhas: "D. Mariquinhas visita o exmo. Sr. Barão de Cotia"... E no coração do Bispo foi muito mais doce e confortadora essa lembrança do que quantas visitas oficiais pudesse receber; com ela volveu ao passado e se reviu, moço e despreocupado nas alegrias tumultuosas e inocentes da velha escola secundária.

Esse episódio foi narrado pelo saudoso amigo Leopoldo Amaral no artigo que escreveu para a poliantéia organizada em Campinas em homenagem a D. Nery, após a morte desse insigne Bispo.

o o o

Mas "o Culto à Ciência", com a proclamação da República, a mudança de vários dos seus diretores e a concorrência que já lhe faziam outros estabelecimentos particulares de ensino - muito embora não fossem eles o esplendido negócios que são nesses nossos dias - entrou em declínio e o seus sócios, em assembléia realizada em 1893, decidiram a sua extinção, e autorizaram a dire-

toria por proposta de Francisco Glicério, a entregar à Municipalidade de Campinas todos os bens do patrimônio social, com a condição da Prefeitura os utilizar, logo que possível na instalação de um colégio secundário oficial. O patrimônio era a vastíssima, chácara que hoje vale seguramente, mais de um milhão de cruzeiros. A Câmara, por um ato de sadia inspiração entregou o patrimônio imobiliário ao Estado e este, pela lei 284 de 1895, obtida pela boa vontade e espírito clarividente de Bernardino de Campos e de Cesario Mota, pelos trabalhos incansáveis de Glicério e de algumas pessoas de Campinas, ali fundou o atual Ginásio do Estado.

Em 1897 era ele instalado solenemente, vindo assumir poucos anos após, a sua direção o inolvidável Jorge Miranda, velho propagandista da República, irmão de Glicério e homem que passou a vida inteira a cuidar da instrução popular e da propaganda republicana esquecido apenas de cuidar da sua independência econômica, pelo que morreu pobre, mantendo-se, naquele último período da vida, com os escassos vencimentos de diretor do estabelecimento que já havia dirigido quase trinta anos antes.

Tem sido o Ginásio de Campinas um seminário modelo de estudos do curso secundário, durante muito tempo ombreando, sem favor, com os melhores colégios do país. Dele voltarei a tratar ainda e recordar algumas das figuras do seu corpo docente e discente, que tanto têm honrado as tradições de cultura daquela já venerada casa de ensino.

9-VII. 1944

"O Estado"